

GT 02 – ETNIA, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL

TRABALHOS COMPLETOS - COMUNICAÇÕES ORAIS DO GT 02

“AS GAROTAS DO KM 43”: EMBATES IDENTITÁRIOS, LUATAS E SILENCIAMENTOS

Rose Cláudia Oliveira de Andrade²³

Maria de Fátima A. Di Gregorio²⁴

RESUMO

Este artigo resulta de uma pesquisa de mestrado que tem como temática “As garotas do Km 43”: identidade(s), prostituição, família(s) e escola. Analisa a trajetória de vida das prostitutas do Km 43 – Distrito Stela Câmara Dubois – Jaguaquara, Bahia, localidade que tem um bordel de estrada cujas mulheres constituem um grupo atuante entre “ser mãe e prostituta”, exigindo reflexão do processo histórico, cultural, educacional, sócio econômico e político dessas mulheres que possuem identidades que são negociadas na sociedade. Para tanto, busca-se por meio das narrativas, ouvir a voz dessas mulheres que de alguma forma são visibilizadas no local, constituindo um grupo coletivo que apresenta acepções em uma sociedade marcada pelo preconceito e discriminação. Nesse viés, perceber por suas falas como elas enunciam e lidam com suas identidades, especialmente as étnicas. A pesquisa tem como sujeitos, as mulheres que em suas histórias tem pontos e razões os quais convergem para pobreza, desemprego, formação precária, violência familiar, falta de oportunidades na vida dentre outras formas de violência instituída contra mulheres. Ancora-se na história oral, cuja coleta de informações objetiva compreender de que maneira as prostitutas do KM 43 vem construindo suas identidades na dinâmica entre prostituição, família e escola, identificando a inserção no âmbito da prostituição, suas trajetórias de vida pessoal e profissional, com intuito de elucidar suas vivências. Constitui como pesquisa social, empírica, de natureza qualitativa, ancorada em teóricos que dialogam com as categorias em estudo.

Palavras-chave: Prostituição, família, identidade.

TESSITURAS INICIAIS

Debater a prostituição sob o prisma das relações sociais é pensar sobre as dinâmicas estabelecidas que demarcam a construção simbólica e histórica dessas mulheres que contam suas histórias, reconstroem sua identidade ao confrontar-se com as possibilidades de recriação e transmissão de seu universo

²³ Mestranda do Curso de Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB/Campus Jequié Ba, rclaudiaandrade@hotmail.com.

²⁴ Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador/UCSal Ba, f_digregorio@hotmail.com.

cultural no momento em que elabora a vivência da prostituição.

Os processos identitários remetem as heranças, legitimam a identidade étnica, principalmente ao que diz respeito o papel das mulheres que transitam na comunidade local e devem ser compreendidos a partir das histórias de vida. Ouvir a enunciação das identidades étnicas sob a ótica das mulheres que vivem em situação de prostituição é pensar em contextos e vivências, considerando-se que o seu cotidiano é marcado por estigmas, preconceitos e violências, significa ainda contribuir para problematizar as formas de lutas por reconhecimento e *empoderamento* na sociedade, bem como, tornar visíveis as realidades as quais são submetidas ao assumirem suas identidades.

No caso específico dessa investigação as prostitutas, perpassam por lutas sociais e conquistas de espaços no percurso de reconhecimento por uma identidade social. O processo histórico, cultural, educacional, sócio econômico e político no país e as políticas públicas mais recentes de apoio e reconhecimento à classe desvelam lutas e contradições vividas por essas mulheres. As vivências se corporificam nas histórias de cada uma que tem pontos e razões que convergem para baixa escolaridade, abandono, preconceito e vulnerabilidade social. Assim, ouvir as vozes das mulheres que se evidenciam em especificidades de vulnerabilidade social nos diferentes contextos e espaços sociais exige um olhar reflexivo acerca das lutas e disparidades de gênero no cotidiano das relações na sociedade contemporânea. Nesse cenário, como conceber a prostituição?

Uma compreensão mais abrangente sobre o fenômeno da prostituição se faz necessário problematizar os significados vigentes, seu contexto, as contradições, suas desconexões com antigas significações, de modo a compreender o contexto da contemporaneidade e promover o debate sobre a prostituição em diferentes contextos e espaços sociais.

A prostituição sob o prisma da construção da identidade étnica de mulheres que se confrontam com outras mulheres pensa-se no embate identitário e na dinâmica que se estabelece entre grupos e lugares. Nesse sentido, é necessário promover diálogos que revelam os aspectos e fatores ligados à prostituição na localidade, considerando as peculiaridades que denunciam e evidenciam as identidades das mulheres prostitutas. Nesse cenário, essa proposta de trabalho se apropria da história de vida das prostitutas,

redimensiona o debate sobre a prostituição no mundo contemporâneo e visibiliza as experiências de vida das prostitutas no contexto das relações étnicas. Vivências de mulheres menosprezadas e hostilizadas pela própria família. Evidencia a história de vida entre lutas pela sobrevivência e formas de resistências.

Lutas pela sobrevivência e formas de resistências

Para mudar o mundo, é preciso mudar as maneiras de fazer o mundo, isto é, a visão de mundo e as operações práticas pelas quais os grupos são produzidos e reproduzidos.²⁵

Fig. 1 – Fotos do Distrito Stela Câmara Dubois



Fonte: Google acessado em 26 de janeiro de 2019

As mudanças ocorrem a todo tempo nos cenários com elevados números de problemas socioculturais que se constituem na dinâmica da relação entre o “eu” e os “outros”, no que tange aos processos de construção de identidades em uma sociedade marcada por inúmeras desigualdades. Nessa dinâmica, compreende-se que grupos os minoritários são fragilizados e vulneráveis, cujas histórias de vida necessitam ser registradas.

Reportando-se a Rago (1985), a prostituição é considerada como um desvio que se fundamenta-se nas reflexões médicas de higienização, desenvolvida no final do século XIX. Conforme a autora observa-se que a prostituta foi, nesse período, rotulada como degenerada, decaída, mulher sexualmente doente, devendo assim, ser afastada da convivência das “boas

²⁵ C.f a obra de BOURDIEU, Pierre: Coisas ditas 1930-2002. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004.

famílias" e pagar um alto preço por sua condição social.

Mulheres de má vida, meretrizes insubmissas, impuras, insignificantes, o que fazer com essas loucas que recusam o aconchego do casamento, que negam a importância do lar e preferem circular enfeitadas pelas ruas, desnudando partes íntimas do corpo, exalando perfumes fortes e extravagantes, provocando tumultos e escândalos, subversivas que rejeitam o mundo edificante do trabalho, surdas aos discursos moralizantes e que perseguem a todo custo a satisfação do prazer? (RAGO, 1985, p. 85).

Conforme Beauvoir (1980, p.376) "a prostituta é um bode expiatório; o homem descarrega nela sua torpeza e a renega, [...] a prostituta não tem direitos de uma pessoa, nela se resumem, ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina". Assim, percebe-se a prostituição como o resultado de relações sociais hierárquicas de poder; como resultado igualmente de uma situação moral invertida; como objetificação total da mulher nas instâncias sexual e econômica submetida à ordem masculina; como instituição participante do funcionamento do sistema patriarcal; como uma forma trabalho. Segundo a autora "a maior parte das prostitutas estão moralmente adaptadas à sua condição". (BEAUVOIR, 1980, p.388).

Prostituição é um trabalho penoso onde a mulher oprimida sexualmente e economicamente, submetida ao arbítrio da polícia, à uma humilhante vigilância médica, aos caprichos dos clientes, destinada aos micróbios e à doença, é realmente submetida ao nível de uma coisa.(BEAUVOIR, 1980, p.389).

Rodrigues (2009) afirma que na concepção concebida como um "mal necessário", a prostituição é vista como "a profissão mais antiga do mundo" uma forma de naturalizar esse exercício e reafirmar o domínio dos homens sobre as mulheres, enfatizando que os corpos femininos sempre estiveram à disposição dos seus consumidores, os homens. Nesse entendimento, a prostituição é considerada como desvio de pessoas doentes que não se adequam ao padrão e normas vigentes que para os moralistas, se consolida para atender ao prazer masculino, uma vez que em nossa cultura o sexo não é desonra para o homem.

Nessa expectativa, as reflexões sobre prostituição demandam pensar os estilos de vida das prostitutas, de forma a haver um deslocamento dessas discussões do eixo moralista para um campo mais amplo que seja permeado pelas questões políticas, sociais e étnicas em defesa dos direitos humanos. Contudo, embora, tenham ocorrido transformações e avanços em torno da prostituição ainda são explícitos os elementos ligados à dominação de gênero, violência e estigmatização. Goffman (2004) menciona que estas marcas estão ligadas a etnia, corpo, situação social desenvolvendo estigmas.

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo lugar, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (GOFFMAN, 2004, p.14).

A identidade existe sempre em relação à outra. Quer dizer, existe uma relação dialética entre identidade e reconhecimento social que se dá a partir dessas construções que podem ser positivas ou negativas, as quais designam determinados comportamentos dos sujeitos. Assim, repleta de violências e estigmas, a prostituição se assemelha a uma atividade que outorga elementos arcaicos de uma moral sexual civilizada. A reflexão sobre prostituição exige novos olhares que vão além dos discursos sobre sexualidade decorrentes da chamada “revolução sexual”.

Constata-se no decorrer da história que as prostitutas têm as marcas da ausência de estudo, situação de pobreza e revelam laços familiares rompidos e a condição de vida à margem de experiências preconceituosas e discriminatórias. As mulheres são violentadas pelo discurso da masculinidade hegemônica, o qual reproduz a lógica da dominação masculina nas instituições como família, escola e estado. Evidencia-se em suas histórias, uma infância e adolescência negada pelos direitos à cidadania. Nesse contexto de traumas,

frustrações e humilhações elas buscam superar a dor do sofrimento e lutam pela sobrevivência.

A falta de amparo dos pais, abandono pelos amantes ou maridos, ausência de oportunidade de trabalho e estudo, sedução e exploração, escravidão sexual, medo, são causas elencadas por Beauvoir (1980) para a prostituição. Portanto, sob o signo do social a existência da prostituição é posta num contexto de violência implícita ou explícita, desmascarando “a mais antiga profissão do mundo”.

Scott (1992) ressalta quanto à questão de gênero que com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou um termo particularmente útil, porque oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens, pensado simetricamente o lugar de fala das mulheres durante toda a história da humanidade que foi de lugar da subalternidade, subserviência e em contrapartida, os homens assumiram um lugar privilegiado.

Gênero é uma categoria útil de análise histórica, por induzir a compreensão de homens e mulheres em termos relacionais. É um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos; é o primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1992, p 75).

Com base nessa explanação, compreende-se gênero como um elemento constitutivo das relações sociais fundamentado nas diferenças percebidas entre os sexos, é uma forma primária de dar significado às relações de poder; um campo primitivo dentro do qual ou por meio do qual se articula o poder. Assim, nas várias maneiras de entender a complexidade das interações humanas o gênero assume mecanismo de decodificação de várias formas de interações.

Para Silva, “questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam” (SILVA, 2014, p. 83), isto é, o questionamento implica desconstruir esses binarismos, mostrar como eles não são essencialmente dados e ativamente produzidos de modo a manter relações hierárquicas e de privilégio. Butler (1999, p. 155) argumenta que a formação do sujeito através do imperativo

heterossexual exige a produção simultânea de um domínio de seres abjetos que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O objeto se refere às zonas inabitáveis da vida social.

As narrativas das prostitutas exprimem subjetividades daquilo que é desprezível e vergonhoso, discursos construídos no campo da idealização do individual e de um coletivo, a prostituição é realização ou um aprisionamento, considerando as pressões sociais, regulações da sexualidade que aparecem e suscitam o preconceito e aprisionamento das mulheres acerca das suas subjetividades em seus processos de construções indenitárias.

Nesse sentido, a transgressão dos papéis problematiza a natureza biológica de homens e de mulheres, tem um discurso que leva à manutenção da tal ordem compulsória que inscreve o sexo e as diferenças sexuais fora do campo do social. Desconstruir essa norma de caráter social de estruturas que parecem naturalizadas, de acordo Butler (2003), é uma questão de gênero, já que este é um ato intencional, um gesto performativo que produz significados.

As mudanças da sociedade contemporânea afetadas determinantemente pela expansão do capitalismo com seus modos de produção e com o desenvolvimento das classes médias, sobretudo na Europa, foram alicerçadas pelas expressões do processo de proliferação do discurso e reafirmação das sexualidades heterogêneas que eclodiram a partir da década de 60 com o surgimento dos movimentos sociais.

Esses movimentos, embora, não romperam totalmente com a lógica e mecanismos do saber/poder que consiste em “estratégias de relações de força, sustentando tipos de saberes e sendo por eles sustentadas.” (FOUCAULT, 1979, p. 246) foi decisivo por uma das expressões mais diretas da evolução do processo de proliferação do discurso e reafirmação das sexualidades heterogêneas. “O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 2011, p.118).

Conforme Foucault (1979), um dispositivo é sempre um dispositivo de poder, que opera em um determinado campo e se desvela pela articulação que engendra de uma multiplicidade de elementos, pela relação de poder que

entre eles se estabelece. O dispositivo expressa, ainda, um objetivo estratégico que atende a uma urgência histórica. Entende que um dispositivo corresponde a “um tipo de formação que, em determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante”. (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Em cada momento da história a dominação se fixa em um ritual; ela impõe obrigações e direitos; ela constitui cuidadosos procedimentos. Ela estabelece marcas, grava lembranças nas coisas e até nos corpos; ela se torna responsável pelas dívidas. (FOUCAULT, 1979, p. 25).

Nesse contexto de movimentos marcados por críticas, discussões e reivindicações prevalece a busca incessante que em torno da liberação dos costumes, do direito ao prazer e à diferença, da não discriminação e do reconhecimento da diversidade e das minorias sexuais “não é simplesmente a questão de o que é uma mulher própria ou imprópria, mas o que não é absolutamente concebível como uma mulher” (BUTLER, 2002, p. 165) que na situação de prostituta ocupa um lugar que, de alguma forma, se relaciona ao lugar que a mulher ocupa dentro do binário próprio e impróprio, especialmente quando.

Ainda não somos capazes de considerar aqueles atos e práticas e modos de vida que foram brutalmente excluídos desse mesmíssimo binário próprio e impróprio. Eles não são a pré-história benigna desse binarismo, mas sim seu violento e inominável avesso (BUTLER, 2002, p.166).

É importante atentar que nesse contexto que o movimento feminista ressurgiu de maneira mais radical, torna assim, mais visível e expressivo questiona a ordem de dominação masculina e a reivindicação de igualdade de direitos entre homens e mulheres, exprime a necessidade de mais participação das mulheres nos espaços sociais, econômicos e políticos. Teorizar a prostituição como construída através de um processo de abjeção coloca a prostituta em um lugar além do próprio e impróprio parece ser um caminho promissor, ainda que teoricamente ousado, em direção a ações mais efetivas de enfrentamento do estigma da prostituição e seus impasses, na medida em que possibilita sair da dicotomização e lançar luz na complexidade dessa construção, e entender o

significado da prostituição a partir de suas práticas.

A inserção das mulheres no mercado de trabalho em busca de autonomia, independência e liberdade traz uma série de ressignificados sobre a atuação das mulheres em espaços que até então eram reservados aos homens. Nas famílias e na sociedade de modo geral, as relações entre homens e mulheres se firmam em novas configurações. Nesse contexto, as dinâmicas familiares ganham espaços organizacionais, dá visibilidade às famílias enredadas, monoparentais, geralmente constituídas de mulher e prole; filhos criados por terceiros em função da dupla jornada de trabalho dos pais; casais que optam por não terem filhos e famílias reconstituídas.

As novas relações familiares se definem pela atividade sexual concentrada no desejo que é individual, o princípio de fazer/ser, que traz uma cadeia de significados pautados no prazer. Percebe-se que o exercício sexual vai se tornando cada vez mais pautado no prazer e desvinculado do modelo patriarcal de casamento monogâmico legítimo e com fins reprodutivos.

Em uma crescente desconstrução, esse modelo patriarcal está progressivamente dando lugar às configurações familiares e modalidades de laços sexuais e afetivos mais flexíveis, menos duradouros e adequados às rápidas e constantes transformações da economia capitalista. Também, os avanços das tecnologias aceleram esses processos, exercem papéis fundamentais nas mudanças relativas ao campo da sexualidade no mundo atual. Nesse contexto de mudanças, o discurso contemporâneo sobre a sexualidade se caracteriza por possibilitar uma multiplicidade de expressões que comportam desde as formas mais antigas e tradicionais de exercício da sexualidade até as formas mais modernas.

A partir desse cenário de mudanças e transformações sociais e culturais, é que a prostituição merece reflexão porque os diferentes contextos e espaços nos quais as mulheres estão inseridas se relacionam pela lógica imbricada das representações de gênero, sexo e classe. Frente a estes fatos, a prostituição não possui uma noção única e impermeável, na verdade existem várias prostituições que desafiam a refletir acerca das mudanças no modo como a sociedade atribui significado a prostituição.

O discurso social sobre as identidades se reflete nas diferentes famílias,

como um espelho. Em cada caso, entretanto, há uma tradução desse discurso, que, por sua vez, devolve ao mundo social sua imagem, filtrada pela singularidade das experiências vividas. As transformações políticas, econômicas, culturais e sociais deram a sociedade brasileira novas formas de organizações que interferiram nas dinâmicas sociais e familiares e na atuação das mulheres nos diferentes espaços.

Mediante as novas configurações da sociedade brasileira é que as prostitutas aparecem entre os diferentes grupos étnicos, produzem as relações que se constituem de acordo com a cultura, a região e a classe social dos sujeitos. Os espaços e contextos em que essas mulheres estão inseridas dialogam com a família, escola e trabalho de maneira que as identidades são afirmadas e/ou negadas. Desse modo, as mulheres prostitutas se apropriam de traços culturais para produzirem identidades que se manifestam das relações de vivências as quais as remetem a um sujeito sociocultural.

Esse processo de construção identitário é estabelecido através do movimento de inclusão e exclusão, impõe limites entre os grupos de contato, em que as relações de pertencimento étnico tornam-se marcadas pela identidade e diferença. Identidade referenciada pela cultura eurocêntrica que expressivamente circula nos espaços da sociedade apresentando-se como dominante e oficial. Diferença no que diz respeito às marcas simbólicas da representação dos povos que não possuem atributos do grupo considerado colonizador. Nesse aspecto, a língua, religião, costumes, vestimentas, hábitos e códigos são considerados inferiores nas situações de interação em que a identificação e/ou diferenciação são evidenciadas através das representações de fronteiras entre nós e eles.

As histórias de vida das colaboradoras dessa pesquisa trazem consigo os diferentes processos de identidade e identificação. Há uma visibilidade desses processos a depender do lugar de fala e das representações do sujeito no universo das relações étnicas.

Os limites do mundo familiar, demarcados pela história que a família conta sobre si, criando sua identidade, são abalados pela ação individualizada de cada um de seus membros, que reagem singularmente às relações internas e que trazem à convivência cotidiana a experiência também singular com o

mundo exterior. A tensão entre os distintos discursos familiares denota a singularidade da família no mundo contemporâneo: ela é, ao mesmo tempo, auto referida na sua construção do “nós” – nisto que constitui o mundo privado – e permanentemente influenciada pelo mundo exterior – o público -, que lhe traz a inevitável dimensão do “outro”, com a qual tem que lidar. Assim, a família constitui-se pela construção de identidades que a demarcam, em constante confronto com a alteridade, cuja presença se fará sentir insistentemente, forçado a abertura, mesmo quando persistirem as resistências. A família, então, constitui-se dialeticamente (SARTI, 2004, p. 19).

Na contemporaneidade, as mulheres têm revelado papéis diferenciados daqueles que as colocavam em condições de submissão aos modelos familiares hegemônicos. Há realidades em que as mulheres aparecem com variações de comportamentos de acordo as diferentes classes sociais. A própria natureza do sistema patriarcal se desfez com a divisão do trabalho entre o marido e a esposa criando, de certo modo, condições para a afirmação da identidade feminina, devido as suas atuações junto à família.

Silva (2014) destaca o discurso colonial e a sua ligação com relações de poder que existem na demarcação das fronteiras determinantes das diferenças. Segundo o autor, é por meio da representação que a identidade e a diferença adquirem significados, ao utilizar padrões para estabelecer aceitação ou negação, inclusão ou exclusão de um individuo em determinado grupo, indica posições de pertencimento do sujeito. Normalizar significa padronizar uma identidade como paradigma para as demais.

[...] é por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: „essa é a identidade”, „identidade é isso”. É por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidade (SILVA, 2014, p. 91).

Essa realidade na qual quem detém o poder de representação apresenta condição de nomear e classificar seus pares é visível nos espaços da sociedade. Vale salientar que o contexto social, histórico e político são definidos pela

multiplicidade de sujeitos, culturas, saberes, e crenças. A identidade e diferença são produções sociais e interdependentes, considera-se, assim como Hall (2014), que as identidades são firmadas por meio das diferenças, designando posições assumidas e/ou negadas pelos sujeitos.

Ao reportar às narrativas das colaboradoras, a manifestação da diferença passa a existir no meio social a partir do outro, o diferente, colocando sempre em questão as identidades. Remete-se nesse caso, as falas que evidenciam aqueles (outro) que apontam e indicam quem elas são e um (eu) quando elas se reconhecem como prostitutas e mães afirmando e/ou negando o pertencimento a um determinado grupo.

Dessa forma, a identidade e a diferença se complementam através da relação de contraste. Ao contar sobre as suas trajetórias, a memória trouxe os estigmas que permeiam o imaginário social das mulheres em determinados contextos. Questões como família, educação, classe social, trabalho, etnia e gênero são apontadas como fatores que contribuíram para os estigmas na história de vida dessas mulheres. Identidades construídas pelos embates, lutas e silenciamentos que se expressam nas vivências da prostituição e se dialogam no espaço familiar. Bourdieu (2002) compreende que as mudanças reais ocorridas na sociedade contemporânea a partir de suas práticas desvelam as formas de legitimação que justificam a dominação social, estereótipos e as formas de opressão que definem e limitam um grupo de pessoas na sociedade.

Ao pensar sobre as identidades das mulheres que se assumem como mães e prostitutas, no entendimento de Goffman (1988) a identidade de um determinado indivíduo é construída a partir dos parâmetros e expectativas estabelecidas pelo meio social. Para ele, os critérios de categorizar as pessoas e a dimensão de atributos considerados como semelhantes e naturais para os membros de cada uma das categorias são determinados pela sociedade. São os ambientes sociais, escola, família, trabalho e igreja que determinam as categorias de pessoas que neles podem ser encontradas. Entretanto, as rotinas das relações nesses espaços sociais determinados, proporcionam interações com outras pessoas previstas sem atenção ou reflexão particular.

Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social"– para usar um termo

melhor do que "status social", já que nele se incluem atributos como honestidade, da mesma forma que atributos estruturais como ocupação (GOFFMAN, 1988, p.12).

As diferentes abordagens sobre identidade são desenvolvidas a partir de um conceito que envolve a dimensão individual e coletiva. Nessa direção as identidades das prostitutas são construídas na dialética entre um indivíduo e a sociedade. Em outros termos, ela revela o resultado das diversas interações entre o sujeito e o seu ambiente social, que o aproxima ou o distancia conforme suas semelhanças. As famílias se identificam pelas marcas sociais de lutas e silêncios em suas caminhadas. As histórias desvelam identidades marcadas pelas relações de sentimentos familiares rompidos. Nesse contexto, se anunciam embates identitários que se manifestam das relações de vivências enquanto mulheres, prostitutas e mães. As memórias alicerçadas em sonhos, conquistas, mas também, em sofrimentos e violências que são semelhantes entre essas mulheres em um mundo vivenciado por elas como sustento e sobrevivência, em uma sociedade preconceituosa e excludente. Nesse universo de enfrentamentos diários elas buscam melhores condições de vida para suas famílias.

A identidade étnica não é estática e se constitui a partir dos conflitos identitários que se formam através das relações sociais. Diferenças e semelhanças familiares ocorrem dialeticamente das representações de poder que produzem e reproduzem desigualdades. Desse modo, as identidades das prostitutas são acentuadas pelo viés dos processos de inclusão ou exclusão. Elas se organizam a fim de definir o "eu" e o "outro", o "nós e eles" manifestando as categorias de diferenciação e assimilação.

Nesse entendimento, a identidade étnica ocupa lugar emergente no qual o sujeito, que no caso desta pesquisa são as mulheres prostitutas, baseia-se em si para situar-se etnicamente. Essas mulheres e as suas peculiares vivências constituem as suas identidades étnicas em uma sociedade, atuam como elementos essenciais na construção cultural da comunidade, "um grupo social que no interior de um sistema sociocultural mais amplo, reivindica e possui um estatuto especial em razão de um complexo de traços que ele representa ou presume representar". (POUTIGNAT E STREIFF-FERNART, 2011, p. 80).

De acordo com Hall (2004), o mundo contemporâneo tem produzido formas complexas de subjetivação, pois simultaneamente busca abertura de espaço para interdependência transnacional das identidades e das interações globais e provoca um movimento que busca retomar os aspectos locais que sustentam a demarcação de diferenças.

Tomando as relações étnicas, neste estudo, as prostitutas pensadas a partir de uma lógica hegemônica evoca-se a cultura no sentido de "território de luta" (HALL, 2004, p. 246), local onde está em jogo modos de ser, sentir, pensar, agir dos sujeitos sociais em que os significados e sentidos das representações estão em permanente disputa e negociação. Assim, a identidade constrói-se em situações específicas através de representações culturais e sociais pois é entendida com um "modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos". (HALL, 2004, p. 50).

O mundo social é composto de estruturas socialmente construídas, o espaço social é composto de estruturas discriminatórias, de maneira que as práticas vêm acompanhadas de quem as praticou, são inseparáveis do "sistema simbólico" que Bourdieu (2004) impõe na visão de mundo a partir de um processo de divisão de grupos, classificado e hierarquizado. Os conflitos são expressões nas formas de dominação e as distâncias espaciais refletem as distâncias sociais.

Na condição de prostituta, se evidencia a mulher chefe de família, aquela como afirma todas as colaboradoras que enfrentam uma luta mediante o preconceito e, ao se identificarem garota de programa, demonstra resistência em sua trajetória. Neste sentido, a violência de gênero tem suas causas no próprio homem, da própria família ou não, uma vez que exerce ou não seu papel de proteção, ou seja, assume comportamentos violentos como reflexos de valores aprendidos e repetidos, social e culturalmente. Por este motivo, as tentativas de se resolver o problema da violência contra a mulher considerando somente os seus efeitos não resultam eficazes, pois a família muitas vezes não exerce seu papel de amar, proteger e cuidar. Estar na prostituição é segundo as colaboradoras ter condição financeira para manter o sustento da família. Ser mulher, mãe e ser prostituta é assumir frente às inúmeras formas de preconceitos

o lugar de luta em contraponto as referências que as estigmatizaram historicamente.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kühner. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Coisas ditas** 1930-2002. tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"** In: Louro, Guacira Lopes (org.), **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Como os corpos se tornam matéria**: entrevista com Judith Butler. Revista Estudos Feministas, 10 (1), 155-167, 2002.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

_____. **História da Sexualidade I – A vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2011. GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975/2004.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. **Quem precisa da identidade?** In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral: Como fazer, como pensar**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6º. Ed. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF_FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. 2 ed. – São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RODRIGUES, M. **A prostituição no Brasil contemporâneo**: um trabalho como outro qualquer? Rev. Katál: Florianópolis v. 12, n. 1, p. 68-76, jan./jun. 2009.

SARTI, C. A. **A Família como Ordem Simbólica**. Psicologia USP, São Paulo, 11 - 28. 2004. SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1992.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.